

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
15 de Novembro de 2024
ANGOLA – DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO

NASCIDOS NA LUTA, VIVENDO NA VITÓRIA / 1978

Um filme de Asdrúbal Rebelo

Imagem (16 mm, cor, com imagens de arquivo a preto e branco), montagem, som: não identificados no genérico, assim como o nome do realizador

Produção: TPA / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm, versão original em português com legendagem eletrónica em inglês / Duração: 18 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Estreia em Portugal: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca: 7 de Outubro de 2022, no âmbito da rubrica “A Cinemateca com o DocLisboa - a Questão Colonial”

UN LUGAR LIMPIO Y ILUMINADO / 1991

*Argumento: Mariano Bartolomeu, inspirado no conto *The Killers*, de Ernest Hemingway, publicado no volume *Men Without Women* (1927) / Diretor de fotografia (16 mm, preto & branco): C. Arango de Montes / Direção artística: / Música: Julio Padrón, Sergio Pereda e o tema “Sofrito”, de Mongo Santamaria / Montagem: Alvaro Maurial McKnee / Som (gravação e misturas): Yisca Márquez / Interpretação: Mario Guerrero (*Ale*), Alden Knight (*Rosendo*), Dolores Pedro (*a mulher de Ale*), Roberto Perduro e Franklin Diaz (*os assassinos*), Pepe Roviroso (*o barman*), Yisca Márquez (*a rapariga no bar*).*

Produção: Aurora Ojeda para a Escuela Internacional de Cine y Televisión (Santiago de los Baños) / Cópia: digital (transcrito do original em 16 mm), versão original em espanhol cm legendas em inglês / Duração: 17 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Estreia em Portugal: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

QUEM FAZ CORRER QUIM? / 1992

Argumento: Mariano Bartolomeu, a partir de um romance de Oê Kenzaburo / Diretor de fotografia (cor): Ernesto Fernández Tellerón / Música, montagem e som: não identificados / Interpretação: Afonso Malheiro, Sandra Pitra, Maria Swart

Produção: não identificado / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / Duração: 21 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Estreia em Portugal: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

Filmes de Mariano Bartolomeu

Duração total da sessão: 56 minutos

De modo coerente com a linha de programação deste ciclo dedicado ao cinema angolano, que consiste em cotejar obras realizadas em contextos políticos e económicos muito diferentes, este programa reúne objetos cinematográficos realizados a mais de dez anos de intervalo. **Nascidos na Luta, Vivendo a Vitória** é um importante documento histórico sobre o nascimento de uma nação. Foi realizado três anos depois da independência de Angola e um ano depois do primeiro violento embate pelo poder no seio do MPLA (o episódio Nito Alves) e é um filme de propaganda política (sem que a palavra *propaganda* tenha conotações pejorativas, muitos clássicos do cinema pertencem a este género), feito por angolanos, mas que não aborda temas genéricos.

Como indica o título, o filme retrata um aspecto específico da luta anti-colonial angolana, a formação militar de crianças destinadas a formarem a futura troca de guarda dos guerreiros, mas também com o objetivo de cimentar nas novíssimas gerações a ideia da independência, da libertação do jugo colonial, que se acompanha de uma consciência

nacional. Como depois da entrada das suas tropas em Luanda, com apoio cubano, quando a independência foi proclamada, o MPLA não controlava a totalidade do território angolano, a luta continuou na “segunda guerra de libertação”, para citarmos as palavras de um jovem guerreiro entrevistado no filme, que foi feita não contra o colonizador e sim contra os dois grupos angolanos rivais e duraria vários anos, o que ninguém podia prever em meados dos anos 70. O filme é desprovido de genérico e, por conseguinte, não é assinado, como era regra comum no cinema militante e nele alternam entrevistas, conversas mais ou menos improvisadas e passagens puramente informativas. Tudo é feito com clareza e espírito de síntese e sobretudo, o que é essencial, tudo é feito a partir de um ponto de vista angolano.

Seguem-se dois filmes de Mariano Bartolomeu (nascido em 1967 e instalado já há alguns anos nos Estados Unidos), bastante contrastantes, apesar de terem sido feitos um a seguir ao outro. O primeiro é um filme de escola, o segundo é o seu primeiro filme profissional. De modo um tanto surpreendente, o filme de escola, feito no âmbito dos estudos do realizador na célebre escola de Santo Antonio de los Baños, em Cuba, parece demonstrar maior destreza da sua parte do que o seu primeiro filme posterior ao seu período de formação. **Un Lugar Limpio y Iluminado** adapta o conto *The Killers*, de Ernest Hemingway, que esteve na origem de um dos grandes clássicos do *filme negro* americano (de 1946, realizado por Robert Siodmak), que marcou a estreia de Burt Lancaster; o *remake* feito por Don Siegel em 1964 tem quase o mesmo prestígio do que o original e o conto também foi objeto de versões de curta-metragem em diversos países, uma das quais co-assinada por Andrei Tarkovsky. Curiosamente, embora o genérico indique o título do conto como sendo a fonte do filme, Mariano Bartolomeu deu-lhe o título de outro conto de Hemingway, *A Clear, Well-Lighted Place*, em cuja intriga há uma diferença fundamental com a de *The Killers*: não há ameaça de morte, nada vem romper a rotina de um homem que passa o dia num bar. Feito a preto e branco, mas sem nunca procurar a imagem fortemente contrastante, resultando em jogos de claro-escuro e é regra no *filme negro* americano, ou seja, sem jamais se aproximar de um *pastiche*, **Un Lugar Limpio y Iluminado** é um filme que um espectador experiente poderá rapidamente identificar como sendo “de escola”, porém com uma concisão narrativa e uma destreza visual que mostram que todos os pormenores foram extremamente pensados, com um resultado “profissional”. Sem serem artificialmente rebuscados, os enquadramentos nunca são prosaicos e banais: por exemplo, vemos apenas os pés do protagonista da primeira vez que ele aparece, deitado na cama; o realizador escolhe com frequência ângulos de câmara oblíquos, o que contribui para criar o clima de incerteza que marca a narração e, num notável momento, o pugilista e a sua mulher são mostrados de corpo inteiro enquanto vemos ao mesmo tempo o reflexo dos seus rostos num espelho. Mariano Bartolomeu consegue instalar e manter o clima de incerteza, ameaça e fatalismo (dos assassinos e da sua vítima potencial: todos parecem se submeter a um destino mais forte do que as suas vontades) que marca a narrativa e tudo termina em aberto, numa elipse, antes do crime ser cometido. Tudo está no lugar, mas tudo flui, nada existe para ilustrar alguma regra. **Quem Faz Correr Quim?** tem maior relevância para a construção de um cinema nacional angolano do que esta adaptação de um conto de Hemingway falada em espanhol e filmada em Cuba, mas, paradoxalmente, a marca pessoal do realizador parece menos forte. Se o *timing* de **Un Lugar Limpio y Iluminado** é absolutamente perfeito, **Quem Faz Correr Quim?** tem algo de uma longa-metragem comprimida e talvez necessitasse de mais espaço “Para o filme inverti a situação do personagem do livro, ou seja, o personagem no meu filme deseja “fugir” da África, mas manteve a premissa do bebé anómalo como uma espécie de metáfora sobre Angola e da longa guerra civil que o país vivia”, observa o realizador. Neste sentido, ilustra aquilo que Mariano Bartolomeu considera “a função principal” do cinema africano: “Deixar uma herança de como pensamos, deixar um registo de nós mesmos, feito por nós”.

Antonio Rodrigues